

UMA ALMA ASSINALADA: TESSITURAS ENTRE FICÇÃO E
HISTÓRIA EM *AS CARTAS DO DOMADOR*, DE TABAJARA
RUAS

*UN ALMA ASINALADA: TESITURAS ENTRE FICCIÓN E
HISTORIA EN AS CARTAS DO DOMADOR, DE TABAJARA
RUAS*

Carlos Garcia Rizzon⁶⁸

RESUMO: As tessituras entre ficção e história de *As cartas do domador*, obra de Tabajara Ruas, configuram um movimento em que conflitos históricos do sul do Brasil aparecem imbricados a uma tradicional lenda pampiana. Os aportes de lendas podem ser considerados elementos significativos para o estudo do passado porque permitem o acesso a um universo da oralidade que expressa um conhecimento popular e inclui saberes de sujeitos analfabetos, tradicionalmente excluídos na escrita da história. Nesse sentido, através da lenda do “Negrinho do pastoreio”, é possível recuperar acontecimentos que descrevem o contexto histórico e social no sul do Brasil para denunciar atrocidades no tratamento dado aos escravos. Essa lenda apresenta, portanto, um componente político que desconstrói o mito da existência de uma democracia no campo, nas estâncias do pampa. Junto à questão da opressão vivida pelos escravos, *As cartas do domador* inclui o ambiente pré-revolucionário dos “farroupilhas” e ainda o sonho de liberdade dos negros fugidos que vivem em acampamentos quilombolas. Esses são traços históricos que irão desfazer cenas sobrenaturais da lenda, revelando que as crueldades sofridas pelo negrinho estão construídas na história de muitos jovens escravos. Dessa forma, o coronel Netto de *As cartas do domador* não é a figura documentada na história, porém empresta ao romance o contexto que ambienta os feitos narrados. Por outro lado, o negrinho do romance não é unicamente a invenção que se mantém no imaginário gauchesco, mas sim é também a representação de uma realidade existente no passado.

Palavras-chave: Lenda; História; Literatura.

⁶⁸ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professor de Literatura e Língua Espanhola na Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA.

RESUMEN: Las tesisuras entre ficción e historia de *As cartas do domador*, obra de Tabajara Ruas, configuran un movimiento en que conflictos históricos del sur de Brasil aparecen imbricados a una tradicional leyenda pampeana. Los aportes de leyendas pueden ser considerados elementos significativos para el estudio del pasado porque permiten el acceso a un universo de la oralidad que expresa un conocimiento popular e incluye saberes de sujetos analfabetos, tradicionalmente excluidos en la escrita de la historia. En ese sentido, a través de la leyenda del “Negrinho do pastoreio”, es posible recuperar acontecimientos que describen el contexto histórico y social en el sur de Brasil para denunciar atrocidades en el tratamiento dado a los esclavos. Esa leyenda presenta, por tanto, un componente político que desconstruye el mito de la existencia de una democracia en el campo, en las estancias del pampa. Junto a la cuestión de la opresión vivida por los esclavos, *As cartas do domador* incluye el ambiente pre revolucionario de los “farroupilhas” y aún el sueño de libertad de los negros cimarrones que viven en campamentos quilombolas. Esos son trazos históricos que irán deshacer escenas sobrenaturales de la leyenda, revelando que las crueldades sufridas por el negrito están construidas en la historia de muchos jóvenes esclavos. De esa forma, el coronel Netto de *As cartas do domador* no es la figura documentada en la historia, pero presta a la novela el contexto que ambienta los hechos narrados. Por otro lado, el negrito de la novela no es únicamente la invención que se mantiene en el imaginario gauchesco, sino es también la representación de una realidad existente en el pasado.

Palabras clave: Leyenda; Historia; Literatura.

Retornando a uma forma próxima ao folhetim – “como se fazia nos tempos de antigamente”, diz o escritor –, e que já havia sido experimentada antes, na primeira edição de *Os varões assinalados*, porém inovada através de instrumento de avançada tecnologia, Tabajara Ruas publicou *As cartas do domador* em capítulos durante quatorze semanas, de 29 de setembro a 29 de dezembro de 2006, no portal <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1164540-EI6624,00.html>>. Como livro impresso, a obra ainda hoje é inédita, porém o próprio autor, sob sua direção, a transmutou e levou às telas do cinema com o título de *Netto e o domador de cavalos*, filme que estreou em 2008.

Nessa narrativa, as relações entre ficção e história que ambientam o trânsito em que a personagem Antonio de Souza Netto se insere, figura histórica que proclamou a República Rio-grandense em 1836, se fazem junto a uma tradicional lenda gauchesca, a do “Negrinho do pastoreio”, que, por sua vez, também é apresentada no movimento entre realidade e invenção. Ou seja, existe uma ficcionalização da histórica figura do general Netto e uma historicização dos infortúnios vivenciados pelo negrinho. No caso deste menino, ele aparece na trama como uma narrativa de acontecimentos históricos que marcaram o passado escravista nas estâncias do pampa, pois

os elementos contidos no “causo” não justificariam plenamente o prestígio da lenda se não resumisse o Negrinho tantos outros destinos de crianças que nunca tiveram infância, se ele não fosse o representante de todos aqueles negrinhos e negrinhas triturados na engrenagem da estrutura colonial. (MEYER, 2002, p. 100)

Do mesmo modo, é apontado por Agemir Bavaresco que

[...] não se poderá dizer que o texto d’O Negrinho do Pastoreio é uma lenda, *stricto sensu*, porque há, de um lado, um inegável substrato histórico, onde surgiu a lenda, ou seja, a sociedade escravista da estância. A lenda cumpre, aqui, uma função contraideológica em relação ao poder vigente dos estancieiros. Ela situa-se num espaço social, retrata tipos de comportamentos e analisa a realidade pampiana dentro do estilo naturalista. (2000, p. 15-16)

A reconstituição elaborada por Tabajara Ruas, portanto, vem de uma larga trajetória e cumpre o ciclo história-lenda-história, enriquecido tanto por fatos que foram realidades de uma época quanto pelo imaginário que constitui crenças e expectativas de tradição oral e que é de domínio público. Como obra literária, *As cartas do domador* dialoga com a lenda para possibilitar compreensões da história do Rio Grande do Sul. Os aportes de lendas, mitos, causos e histórias fantásticas, como patrimônio imaterial da cultura de um povo, podem ser considerados elementos significativos para o estudo do passado porque permitem o acesso a um universo da oralidade que expressa, mesmo que

inconscientemente, um conhecimento popular e inclui verdades e saberes de sujeitos analfabetos, tradicionalmente excluídos na escrita da história. Os contos populares se constituem, assim, em patrimônios históricos, e suas variações indicam adaptações a épocas e a territórios, conforme cada tradição a partir de onde elas estão situadas. Destarte, as inúmeras lendas presentes na tradição gauchesca, como “Mboitatá”, “A Salamanca do Jarau”, “Mboboré” e outras, têm muito a oferecer para o entendimento da cultura de tradição gauchesca. Com a lenda do “Negrinho do pastoreio” não é diferente, pois ela se formou no ambiente pastoril,

[...] num meio ainda não atingido pela concentração industrial e onde o hábito da quotidiana dureza no mando, fator considerado indispensável para a produção intensiva, ainda não se fizera inconsciência e calejamento, os casos de alta crueldade, as judiarias bestiais deviam forçosamente repercutir mais fundo na memória e deixar marcas mais sensíveis na vida sentimental dos simples, por menos amiudados. (MEYER, 2002, p. 99)

Atos de crueldade sofridos por meninos escravos não se confinavam unicamente a território sul-rio-grandense. Também em outras regiões pampianas há registros dessas violências. E não é de se admirar que, ainda hoje, estejam vivos na memória de uruguaios relatos de tempos distantes. Estudos da professora Ana Cecilia Rodríguez apresentam depoimentos recolhidos em comunidades situadas no norte do Uruguai que preservam histórias ocorridas em épocas em que, mesmo não sendo legal a escravidão naquele país, eram tratados como cativos os negros peões das estâncias. Algumas versões ganharam versos artísticos, como o poema “El moreno”, de autor anônimo e que é recitado por Anibal Márquez, um afrodescendente de mais de oitenta anos:

Si había una vez un moreno
en una estancia criado
que el patrón le había tratado
igual que a caballo ajeno
él aguantaba sereno
los gritos y los azotes
cuando erraba un tiro e'lazo
o algún potro lo volteaba
a veces hasta le daba

el patrón algún mangazo [...] (in RODRÍGUEZ, 2009, p. 83)

Através da lenda do “Negrinho do pastoreio”, é possível recuperar elementos que documentam a escravidão inserida na história social dos séculos XVIII e XIX. Esse é o caminho traçado por Tabajara Ruas. Mas não somente por ele, pois, desde fins do século XIX, autores brasileiros e uruguaios têm se dedicado a escrever essa que é a mais popular das lendas gauchescas presentes no Rio Grande do Sul e que, desde a infância, é conhecida e repetida de geração em geração por aqueles que vivem no pampa. Ela está registrada em canções, peças teatrais, filmes, poemas e narrativas escritas. Entre outros autores que fizeram versões da lenda, podem ser citados Apolinário Porto Alegre (1875), Javier Freyre (1890), Alfredo Varela (1897 e 1933), João Simões Lopes Neto (1906), João Cezimbra Jacques (1912), Darcy Azambuja (1925) e os posteriores Yamandú Rodríguez, Serafín J. García e Luiz Carlos Barbosa Lessa. Todas as versões apresentam uns ou outros eixos comuns, como o extravio de animais no pastoreio do negrinho, os castigos sofridos por ele, seu suplício no formigueiro, sua morte e, em quase todos os autores, a qualidade do negrinho como achador de coisas perdidas. Analisando diferenças, é possível encontrar uma variedade grande, o que se percebe que, a cada versão, a cada autor, elementos foram incorporados ou adaptados.

Como lendas, as versões do “Negrinho do pastoreio” apresentam algumas características, tais como a oralidade da narrativa, seu anonimato e sua persistência e antiguidade, não havendo precisão do tempo do fato ocorrido. Por exemplo, em João Cezimbra Jacques, a temporalidade é apresentada com um simples “Havia um estancieiro” ou “Uma feita”. O autor menciona apenas que narrará a história “conforme ouvíamos contar na nossa infância pela gauchada” (1979, p. 156-157). No poema “Negrito del pastoreo”, de Yamandú Rodríguez, também não há localização do tempo e, assim como em Cezimbra Jacques, o autor confere uma autoridade para a sua versão através do depoimento de pessoas maiores. Então introduz a lenda com um “según dicen las viejas” (s/d). Outro uruguaio, Serafín J. García, igualmente busca um suporte para a lenda, afirmando que “la tradición oral se ha encargado de ir la perpetuando entre nuestros criollos, a lo largo de muchísimas generaciones” (s/d). Porém é vago na referência, dizendo nada mais que os acontecimentos com o negrinho tiveram sua origem “durante la época de la dominación

española, cuando las primitivas estancias de estas tierras carecían de alambrados divisorios.” (s/d). João Simões Lopes Neto dá a mesma contextualização, dizendo que “Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas [...]” (2009, p. 195). No entanto, não deixa de apresentar o clássico “Era uma vez”. Já no texto de Javier Freyre, há a indicação do tempo e do lugar: “Allá por los años 1784 residía en el departamento de Paysandú” (MEYER, 1968, p. 123). Mesmo assim, sua narrativa mantém o fabuloso caráter das crenças nos poderes do negrinho ao enfocar os pedidos que a ele se fazem:

[...] cuando una tempestad de grande duración, prendemos una luz a esta imagen, y le rogamos que interceda con Dios, para que nos libre de los furores de la tormenta. Cuando las epidemias diezman nuestras haciendas, le hacemos también iguales rogativos, y muchas veces no son inútiles nuestras súplica. (MEYER, 1968, p. 125)

A tormenta a que se refere Javier Freyre também é encontrada nos textos de Yamandú Rodríguez e de Serafín J. García, todos uruguaios. Nas suas versões, ela é a causadora dos infortúnios do negrinho, pois, em um momento de distração do menino, por sonolência ou por se entreter comendo pitangas, a chuva dispersa as ovelhas que ele pastoreava. Nos autores sul-rio-grandenses, não há menção a nenhuma tempestade, tampouco os animais do pastoreio são ovelhas. Na versão de Alfredo Varela, há o extravio de um petiço; em Cezimbra Jacques, perde-se um novilho. Nem em um nem em outro autor é anunciado o motivo da perda do animal. Coube a Simões Lopes Neto a introdução da personagem do filho do estancieiro, um “menino maleva” que, enquanto o negrinho dormia junto à tropilha de trinta tordilhos, “enxotou os cavalos, que se dispersaram, disparando campo fora, retouçando e desguaritando-se nas canhadas” (2009, p. 199).

As formas descritas para o negrinho recuperar os animais são diferentes em cada autor. No seu “Crioulo do Pastorejo”, Cezimbra Jacques mostra o menino sozinho, sem nenhuma ajuda sobrenatural. Ele encontra o novilho, mas o perde novamente:

Não caminhou ele muito tempo para avistá-lo pastando em uma coxilha. Ao lançar-lhe as vistas, desatou um frágil laço dos tentos, fez a armada e serrou pernas no cavalo e,

aproximando-se do novillo à distância necessária, atirou o laço certo, lançando-o.

Em poucos tirões secos que deu o animal altaneiro, partiu-se o laço e saiu ele à disparada, sem que, por mais empenho que fizesse o crioulo, fosse possível fazê-lo dar volta. (1979, p. 157)

Já o texto de Serafín J. García é inconcluso, uma vez que aponta diferentes possibilidades de como o negrinho encontrou, sob noite escura, a ovelha negra perdida:

Nadie supo jamás de qué medios se valió el pequeñuelo para encontrar la oveja. Según algunas versiones, lo ayudaron las luciérnagas con sus farolitos de luz verdosa. Según otras, fueron las enigmáticas lechuzas -para cuyos ojos la noche no tiene ningún secreto- quienes guiaron sus pasos entre las tinieblas. Y él, por su parte, siempre guardó un hermético silencio acerca de lo ocurrido. (s/d)

No poema de Yamandú Rodríguez, o negrinho recebe ajuda sagrada: “Jesús le encendió la luna/con pena del niño negro...”. A personagem de Simões Lopes Neto também é agraciada com intervenção divina, depois de pensar na sua madrinha Nossa Senhora e tomar um coto de vela do oratório: “Por coxilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cera no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo.” (2009, p. 199). Na primeira versão de Alfredo Varela, de 1897, o negrinho não recebe ajuda, mas também não recupera o petiço, apesar de igualmente carregar um coto de vela: “pela noite adentro, servindo-se para alumiar-se, de um coto de vela; mas, de balde”. (1897, p. 378)

O castigo que sofre o negrinho pela perda dos animais varia bastante entre os diferentes autores. No “Negrinho del pastoreo” de Yamandú Rodríguez, o menino escravo é obrigado a procurar pela ovelha extraviada noite adentro e, cansado e com fome, dorme e é devorado por formigas. Em Cezimbra Jacques, o negrinho é surrado duas vezes “a valer com grosso e pesado relho” e ainda é deitado sobre um formigueiro, onde passa toda uma noite. Na versão de Alfredo Varela, por ter perdido um petiço, o “senhor, então, fê-lo matar sob o açoite; para esconder o

nefando crime, ordenou que o enterrassem, sendo escolhido um lugar em que seria difícil de descobrir o cadáver: um desses grandes formigueiros existentes no país” (1897, p. 378). Na lenda narrada por Simões Lopes Neto, os sofrimentos do negrinho também são esses: surras de relho e, depois, “como já era noite e para não gastar a enxada em fazer nova cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro” (2009, p. 200). No texto de Serafín J. García, o único castigo é procurar a ovelha até encontrá-la.

Em algumas versões, o final é insólito, em outras não. A ação narrada por Serafín J. García se encerra com a ovelha recuperada e não há a morte do negrinho, como em outros autores. Em Cezimbra Jacques, o estancieiro vê “erguer-se uma nuvem [do formigueiro] e, envolvido nela, subir o mártir ao céu, desaparecendo.” (1979, p. 157). Apolinário Porto Alegre, que é o autor de “Crioulo do pastoreio”, versão mais antiga que se conhece, escrita ainda sob regime escravocrata no Brasil – apesar de haver referência à lenda em texto anterior, de 1872, de Alberto Coelho da Cunha, assinado com o pseudônimo de Vitor Valpírio –, apresenta a visão da filha do estancieiro no momento do desaparecimento do menino escravo: “O crioulinho apareceu-lhe resplandecente, saudando-a risonho, entre brancas nuvens que foram se erguendo... se erguendo, até desaparecerem na profundidade dos céus. Ainda bem longe no espaço ela viu-lhe a mãozinha negra saudando-a num gesto.” (apud DINIZ, 2003, p. 155). Na versão de Alfredo Varela, é o estancieiro quem vê o negrinho, “o qual, de pé, à boca da passageira sepultura, sacudia de si as formigas e a terra de que o tinham coberto, feito o que, saltando sobre o petiço perdido e que no momento ali se achava, desapareceu para sempre.” (1897, p. 378). Esse final com o estancieiro indo até o local do formigueiro é semelhante ao de Simões Lopes Neto, mas, na versão do escritor pelotense, há ainda a introdução da imagem de Nossa Senhora:

Qual não foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o Negrinho, sarado e risonho, pulando de em pêlo e sem rédeas, no baio, chupou o beíço e tocou a tropilha a galope. (2009, p. 200-201)

Em Yamandú Rodríguez, por o negrinho não ter sido velado

[...] no pudo alzar el vuelo;
porque no son cuatro luces
las velas: son cuatro dedos...
Y como no le señalaron
el camino de los cielos
anda perdido por los campos
el negrito del pastoreo. (s/d)

Muitas das versões da lenda do “Negrinho do pastoreio” santificam a vítima do estancieiro e lhe dão poderes de encontrar coisas perdidas. Para efetivar-se o achado, o negrinho exige um coto de vela para Nossa Senhora e um naco de fumo para ele. Mas também nesse aspecto, mesmo sendo o mais recorrente nos diferentes textos, existem variações de um autor a outro. Como já referido acima, a lenda contada por Javier Freyre não fala de coisas perdidas que se rogam para serem encontradas, mas os pedidos são para proteção “de los fúores de la tormenta”. Já a versão de Alfredo Varela diz que “O povo dos campos, quando queria encontrar um objeto perdido, tinha o cuidado de votar-lhe, em qualquer canto, um naco de fumo e um coto de vela aceso” (1897, p. 378). A mesma tradição da oferenda apresenta Cezimbra Jacques: “E ficou entre eles esse uso: quando perdem qualquer coisa útil, prometem logo velas ao Crioulo do Pastorejo, as quais costumam acender ao acharem o objeto perdido.” (1979, p. 158). Em Serafín J. García, as velas têm uma função e devem ser acesas ao se fazer um pedido ao negrinho:

[...] nuestros paisanos, cuantos pierden algún objeto en el campo le encomiendan la búsqueda al servicial Negrito del Pastoreo, encendiéndole un cabito de vela para que así pueda ver mejor entre las sombras nocturnas, pues es siempre por la noche que realiza sus fabulosos hallazgos. (s/d)

Yamandú Rodríguez não se detém em objetos e amplia os motivos das promessas:

Por eso cuando se pierde
de un alfiler hasta un beso
se le promete una luz
y él lo encuentra en un momento...
Tiene que ser un cabito
y tiene que arder en el suelo;
porque es muy humilde el ánima
del negrito del pastoreo. (s/d)

Na canção de Barbosa Lessa, há um desdobramento da invocação, apresentando um aspecto sociológico, pois faz referência a aqueles que, obrigados a deixar o campo e se “embretarem” na cidade, guardam uma saudade e um desejo na memória:

Negrinho do Pastoreio
Acendo esta vela pra ti
E peço que me devolvas
A querência que perdi
Negrinho do pastoreio
Traze a mim o meu rincão
Eu te acendo esta velinha
Nela está meu coração. (s/d)

Nesse exemplo, os poderes do negrinho aparecem não para recuperar objetos perdidos, mas como regeneradores de elementos que fazem parte dos valores de uma identidade. Configuram uma esperança de reencontro, tal como no conto “Negrinho do pastoreio”, de Darcy Azambuja, onde o protagonista da história não é o da lenda, mas sim Vicentinho, outro negrinho que também vive agruras e sofre na estância. Na narrativa, esse menino representa uma historicização do negrinho do pastoreio, e as fabulações e encantamentos acontecem em sonhos e delírio febril do menino. Vicentinho tem o desejo de rever o pai, desaparecido desde que foi para a guerra. Então, conhecedor da lenda, toma um naco de fumo e rouba na cozinha um bico de vela e uma caixa de fósforos para “pedir ao negrinho do pastoreio que achasse o pai, perdido na revolução”. (AZAMBUJA, 2005, p. 118)

A ambientação da trama que faz Azambuja dá um retrato da situação de muitos negrinhos que sofreram na escravidão, reforçando a atribuição da construção da lenda a inúmeros acontecimentos semelhantes vivenciados por pequenos escravos. Assim, o Vicentinho de Darcy Azambuja, que sofria com os “dois filhos do estancieiro [que] davam-lhe relhaços por brinquedo e [com] o restante da família [que] enxotava-o como um cão” (2005, p. 117) e que “temendo maiores perigos, [...] encolhido, foi encostar-se à janela dos fundos e ali ficou quieto” (idem, p. 115) bem poderia ser o negrinho descrito por Auguste de Saint-Hilaire no seu relato *Viagem ao Rio Grande do Sul*, onde escreveu que, na estância,

há sempre na sala um pequeno negro de 10 a 12 anos, cuja função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço criatura mais infeliz que essa criança. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca! Passa a vida tristemente encostado à parede e é frequentemente maltratado pelos filhos do dono. À noite chega-lhe o sono, e, quando não há ninguém na sala, cai de joelhos para poder dormir. Não é esta casa a única que usa esse impiedoso sistema: ele é frequente em outras. (1999, p. 73)

O conhecimento do viajante francês sobre a situação do negro no Rio Grande do Sul foi se dando aos poucos. Sua primeira impressão havia sido diferente de outras condições mais cruéis que percebeu depois. Inicialmente, pensa ser o sul, “em todo o Brasil, lugar onde os escravos sejam mais felizes [...]” (idem, p. 47). Suas observações preliminares deram motivo à criação do mito de uma democracia pastoril, pois apontavam a uma “relativa liberdade que decorriam da própria natureza da ‘campeiragem’ [...] [pois] o negro campeiro lidava ombro a ombro com o patrão” (MEYER, 2002, p. 94). Essa ideia que traz a crítica de Augusto Meyer estaria corroborada na informação de Saint-Hilaire:

Os senhores trabalham tanto quanto os escravos, mantêm-se próximos deles e tratam-lhes com menos desprezo. O escravo come carne à vontade, não é mal vestido, não anda a pé e sua principal ocupação consiste em galopar pelos campos, cousa mais sadia que fatigante (1999, p. 47).

Observando com maior atenção, o naturalista faz reparos no seu entendimento, porém encontrando justificativas para a rudeza no tratamento com os escravos:

Afirmei que nesta Capitania os negros são tratados com bondade e que os brancos com eles se familiarizam, mais que em outros pontos do país. Referia-me aos escravos das estâncias, que são em pequeno número; nas charqueadas a coisa muda de figura, porque sendo os negros em grande número e cheios de vícios, trazidos da Capital, torna-se necessário tratá-los com mais energia (idem, p. 73).

Ainda mais benévolo que Saint-Hilaire foi outro viajante, Nicolau Dreys, que não viu arbitrariedades contra o escravo. Seu relato chega a apresentar satisfação do negro em relação às tarefas impostas a ele e às condições que recebia para executá-las:

[...] nas estâncias, pouco tem que fazer o negro, exceto na ocasião rara dos rodeios; nas charqueadas, o trabalho é mais exigente, sem ser nem pesado nem excessivo; é uma ocupação regular distribuída segundo as forças do negro. [...] Os negros trabalhadores dos estabelecimentos industriais do Rio Grande recebem abundância de mantimentos; estão bem vestidos conforme a exigência da estação, bem tratados nas suas doenças; e é isso justamente o que quer o negro [...] (apud MEYER, 2002, p. 96).

Da mesma maneira são apresentadas as observações de John Luccock, que diz nunca ter visto “nada que evidenciasse particular ruindade” (apud MEYER, 2002, p. 97) contra os negros no sul do país.

Essas considerações dos viajantes fizeram com que, por muito tempo, os historiadores desconsiderassem e mesmo esquecessem a escravidão no desenvolvimento econômico oitocentista no Rio Grande do Sul. Até a primeira metade do século XX, e mesmo para alguns historiadores posteriores, prevaleceu o entendimento noticiado pelos observadores estrangeiros do século XIX. Somente com o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas foi possível confrontar e redefinir os estudos sobre a escravidão nas estâncias gaúchas. Para o professor Mário Maestri,

apenas muito lenta e imperfeitamente começa ser superada a visão do Rio Grande do Sul desconhecedor da pecha da escravidão, produto do trabalho livre, sobretudo lusitano, alemão e italiano. O reconhecimento do Rio Grande do Sul como uma das grandes regiões escravistas do Brasil e das reais condições de existência do cativo sulino entram em choque com o mito fundador da sociedade gaúcha – a democracia pastoril geradora de uma formação social singular, desconhecidora das desigualdades e contradições sociais. (1997, p. 78)

Importante papel desempenham as mais variadas versões da lenda do “Negrinho do pastoreio” por denunciar o tratamento dado aos escravos no pampa e aclarar historicamente as condições de vida dos cativos. Elas inscrevem o negro como um dos elementos presentes e fundadores na identidade gauchesca. Atestam “o caráter corriqueiro da opressão das relações de poder autoritárias e cruéis presentes nas estâncias do Rio Grande do Sul” (TRAPP, 2011, p. 45) e de outras regiões pampianas, não podendo esse aspecto ser desconsiderado na formação social e econômica dos séculos XVIII e XIX.

Como definem Margaret Bakos e Zilá Bernd em relação à cena final de “O Negrinho do pastoreio”, de Simões Lopes Neto, com as lendas é possível

mostrar o mundo às avessas, [...] o senhor prostrado diante do escravo – mesmo no contexto sobrenatural do milagre – revela o inconsciente coletivo do gaúcho que queria ver definitivamente cessada a ordem vigente que autorizava os castigos físicos dos escravos até a morte. (BAKOS; BERND, 1998, p. 83)

A lenda do “Negrinho do pastoreio” apresenta, assim, um componente político que desvela atrocidades da sociedade vigente e reivindica uma mudança de sistema. Ampliando para situações generalizadas vivenciadas por meninos escravos nos campos pampianos, Darcy Azambuja deslocou a lenda do “Negrinho do pastoreio” para dentro do seu texto, incorporada ao enredo da narrativa do conto, onde Vicentinho, para “realizar o seu sonho, [resolve] fazer uma promessa ao

negrinho do pastoreio” (2005, p. 118). Dessa forma, o autor não individualiza o sofrimento de meninos escravos, mas, ao contrário, estabelece semelhanças entre as tristezas dos negrinhos e revela que as brutalidades impostas a eles eram corriqueiras na sociedade da época.

Também Tabajara Ruas trabalha com essa estrutura de uma história dentro de outra, lembrando a circularidade do texto “Un sueño”, de Jorge Luis Borges: “[...] En esa celda circular, un hombre que se parece a mí escribe en caracteres que no comprendo un largo poema sobre un hombre que en otra celda circular escribe un poema sobre un hombre que en otra celda circular...” (1989, p. 322). Desse modo, a tradição oral da contação de histórias está presente em *As cartas do domador* através de lendas que a personagem Capincho transmite às crianças da estância:

- ... o estancieiro mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho. E quando era já noite fechada mandou que fosse campear os cavalos perdidos. Rengueando, chorando e gemendo o negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora... (RUAS, 2006, cap. 4, parte 5)⁶⁹

Essa narração de Capincho é tal qual “O Negrinho do pastoreio” de João Simões Lopes Neto. Esse mesmo texto do autor pelotense – primeira versão conhecida a introduzir a disputa de cavalos em cancha reta – serve a Tabajara Ruas para relacionar a lenda, que mostra o negrinho como um ginete, ao gosto do general Netto pelos cavalos, conhecido apreciador que era das corridas de parreiros. Na obra de Ruas, as ações da lenda de Simões Lopes Neto são o mote para o desencadeamento da narrativa. Assim, há a carreira entre o cavalo do estancieiro conduzido por Negrinho e o cavalo de outro estancieiro, o Barão de Aceguá. Na sequência, Negrinho perde a disputa e é surrado com açoites de relho. Completando o castigo, o menino é obrigado a recolher e pastorear uma manada de trinta tordilhos. Depois, enquanto ele dorme, o filho do estancieiro dispersa os animais. Negrinho volta a ser espancado, desta vez até parecer morto. Logo, ele é jogado em um formigueiro. No entanto, outros elementos são incorporados ao texto de

⁶⁹ Como *As cartas do domador* tem publicação *on-line*, as indicações do texto são mostradas aqui com o capítulo e a parte do texto referente ao fragmento destacado.

Ruas. Junto ao tema da opressão vivida pelos escravos, Ruas inclui o ambiente pré-revolucionário dos farroupilhas – o contexto de revolução também esteve presente no conto de Darcy Azambuja – e ainda o sonho de liberdade dos negros fugidos que vivem em acampamentos quilombolas. São traços históricos que irão desfazer cenas sobrenaturais da lenda, como a insólita ajuda da madrinha do menino, a Nossa Senhora, realizando o milagre da iluminação do campo em noite escura. Por outro lado, a representação feita da personagem Netto não possui embasamento histórico. O autor inventa fatos e coloca a personagem na realização de feitos nobres e heroicos, como a invasão a um posto militar para soltar seu amigo Índio Torres, preso, torturado e acusado injustamente de matar um soldado.

Em *As cartas do domador*, Netto primeiro é apresentado como general, marcando a figura que ficou gravada na memória da história. Mas depois, no texto, o posto de general aparece em sentido mitológico no diálogo de Netto com um dos lanceiros negros, quando é reparado: “- Então vosmecê é o famoso general Netto. / - Meu posto é de coronel.” (cap. 11, parte 12). Desestabilizando outras certezas, na obra, Ruas faz um esclarecimento jocoso em relação ao nome de Netto, similar ao já apresentado em *Netto perde sua alma*, caso conhecido nos campos de Povo Novo, povoado onde nasceu:

- Inda que mal pergunte, seu nome é mesmo Netto?
Bonifácia não era de dar voltas quando queria saber alguma coisa.
- Antônio. De Souza.
- Mas todos chamam o coronel de Netto - diz o Índio.
- Netto! E por quê?
- Quando o coronel era guri, montava o cavalo do avô nas carreiras em Povo Novo. O avô ficava gritando dále neto, dále neto, dále neto! Ficou conhecido por Netto. (cap. 11, parte 16)

O autor também aproxima o seu texto às incertezas do aspecto temporal característico das lendas: “No sul, há muito tempo...”. Depois faz contextualização à época referida na obra, marcando tempo e lugar e, para situar sua narrativa a uma relação universal, compara sua personagem Netto a outras personagens históricas:

Netto vai atravessando a cavalo os campos do Taim, perto da fronteira do Brasil com o Uruguai, uma região conhecida como os Campos Neutrais.

[...] É o quente verão de 1835.

Nesse verão, Karl Marx tinha 19 anos de idade. Netto, ao que parece, 32. Marx ainda era estudante. Netto ainda era coronel. (cap. 1, parte 1)

Importa destacar que o espaço referido mostra uma indefinição. No ano de 1835, o Tratado de Santo Ildefonso, que havia estabelecido os Campos Neutrais, não estava mais em vigência, mas para o Uruguai, país que conquistara a independência poucos anos antes, as demarcações dos limites nacionais deveriam voltar a ser discutidas. A presença de um posto militar no local evidencia que era uma região ainda a ser defendida pelo Império e à espera de reconhecimento. Por ora, como denominam diferentes vozes, era o “fim do mundo” e “terra de ninguém”:

No horizonte da lagoa Mirim, o Posto Militar é uma paliçada de troncos pontudos no alto duma duna, um lugar desolado e infinito.

Netto pára na elevação e olha a solidão em volta. Murmura para o cavalo negro:

- Fascínio, chegamos no fim do mundo.

[...] e descobri que estes campos neutrais não tem fim... Isto tudo é Terra de Ninguém...

[...] Só peço que não esqueçam que estes são os Campos Neutrais! Los Campos Neutrales, a Terra de Ninguém! E que aqui, nestes campos, com um cavalo e uma boleadeira, um homem é livre. (cap.1, parte 3; cap. 11, parte 18; cap. 13, parte 8)

Outros diálogos textuais presentes na composição da obra de Ruas se dão com sonetos de Luís de Camões. A personagem que desempenha funções de secretário do delegado se utiliza do recurso da declamação dos versos do poeta português, seu conterrâneo, para conquistar o coração das mulheres, mas nunca obtém êxito, pois sua sensibilidade com a poesia não se reflete nos seus gestos, deveras descorteses:

O Secretário coça a garganta, olha para Laura, se concentra.

- Soneto 9, Luís de Camões.

*Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente choro e rio,
O mundo todo abarco, e nada aperto.
É tudo quanto sinto, um desconcerto,
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.
Estando em Terra, chego ao Céu voando;
Numa hora, acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar uma hora.
Se me pergunta alguém porque assim ando
Respondo que não sei, porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.*

A declamação é plena de beleza e emoção. O público explode em aplausos. Secretário desce do banquinho e sucumbe a um mar de palmadas nas costas e felicitações.

Laura se afasta para a cozinha.

[...]

Secretário abre um lenço cheio de moedas sobre o balcão, diante de Laura. [...]

- Dona Laura, tudo que ganhei na carreira... por um segundo no Paraíso... um beijinho seu.

- Tire o chapéu quando falar com uma dama.

O Secretário tira o chapéu. Laura apanha uma frigideira debaixo do balcão e bate violentamente na cabeça do Secretário. (cap. 6, parte 5; cap. 7, parte 2)

As intertextualidades de *As cartas do domador* também se identificam com a cena do negrinho que fica em pé, na sala, aguardando ordens do patrão, na exposição feita por Auguste de Saint-Hilaire e que Darcy Azambuja personificou em Vicentinho, o menino do seu conto “Negrinho do pastoreio”. No texto de Ruas, a descrição é:

A família toda está em volta da longa mesa coberta por toalha de linho, com pratos e talheres e guardanapos de boa qualidade e certa elegância. Há velas acesas em

candelabros. O Barão está na cabeceira, a Baronesa, na outra ponta; a Avó e Rejane em um lado, Clara e André no outro. Verônica supervisiona. Há um menino negro em pé a um canto. (cap. 5, parte 1)

Em 1820, o viajante francês não deixou de observar o tratamento ríspido dado aos negros: “O Sr. Chaves, tido como um dos charqueadores mais humanos, só fala aos seus escravos com exagerada severidade, no que é imitado por sua mulher; os escravos parecem tremer diante de seus donos.” (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 73). A arrogância e brutalidade igualmente é retratada por Tabajara Ruas:

- Tu me desobedeceu.
- Obedeci, sim sinhô, Barão.
- Não conduziu o baio como eu mandei.
- Conduzi, sim sinhô!
- Não discute comigo, Negrinho. (cap. 10, parte 8)

As atrocidades vividas nas estâncias motivaram a que os negros fugissem. O ambiente revolucionário que se prenunciava alimentava a esperança de alcançar a liberdade. Na história de Ruas, onde também estão presentes as velas e o fumo do texto de Simões Lopes Neto, o Negrinho tem o desejo de abandonar a estância e se juntar aos revolucionários:

- Maria está acendendo a vela diante do altar da Virgem Maria.
- Maria, tem escravo deixando as estâncias e se reunindo no meio do mato. Maria, Maria.
- Maria se volta para o Negrinho, deitado sobre pelegos. Ele está tenso, fumando um palheiro. Maria começa a tratar a ferida no seu rosto.
- O quê?
 - Vai começar uma guerra contra os senhores (cap. 4, parte 3).

Já o bolicheiro Recabarren, que é branco e não é escravo, não tem entusiasmo em participar de mais uma guerra, depois de lembrar de antigas batalhas da Cisplatina em que participou:

- Massacramos milhares de índios nas Missões e nos encheram de medalhas - diz Recabarren lutando com a fumaça que entra em seus olhos. Alguém pode comer uma medalha? Sabe o que eu ganhei nessa guerra, depois de matar pelo menos duzentos guaranis com faca e garrucha? [...] Fome, meu amigo... fome... e remorso. (cap. 4, parte 4)

Da mesma forma, cansados de lutas, outros compartilham as mesmas opiniões, pois carregam as amargas consequências que os combates proporcionam:

- Ventos de revolução... ventos de revolução... Estou farto dessas novidades. Desde 1700 temos uma guerra atrás da outra. Trinta anos atrás perdi meu irmão mais velho na guerra contra os índios, 15 anos atrás perdi meu filho na guerra contra os castelhanos (cap. 7, parte 6).

Também inconformado com as guerras, o Índio Torres, apesar de não concordar com a situação opressiva presente na Província, não se reconhecesse partidário nem de republicanos e nem de monarquistas, e faz críticas à sociedade dos brancos, preferindo buscar o isolamento. Suas queixas não poupam nem mesmo seu amigo Netto:

- Tu ainda busca soldados, Netto... acho isso estranho.
- Estranho?
- Tu busca homens para levar à morte... tu pensa nisso? [...]
- Não quero mais saber das guerras de vocês. Tu tens escravos na tua estância. Por que não liberta eles?
- Já discutimos isso antes. Tudo tem seu tempo. (cap. 12, parte 4)

Netto, no entanto, questionado tanto por autoridades, como o sargento do exército imperial, quanto por negros fugidos, partes opostas na eventual guerra que se anuncia, não tem dúvidas dos seus propósitos e está seguro do seu papel no enfrentamento com o Império. Isso ele deixa claro aos negros Lança e Espada:

Espada segura Netto com um abraço.
Lança e Netto ficam se olhando nos olhos.

- Quem é vosmecê?
- Oficial do exército liberal republicano. (cap. 5, parte 5)

No diálogo com o militar, Netto é mais discreto, mas sem deixar de ser verdadeiro:

- Tem muita gente tramando contra o Imperador, senhor Antônio. Vivemos tempos de ideias perigosas. Nos diga uma coisa, seu Antônio: vosmecê é republicano?
- Minha república é o lombo do meu cavalo. (cap. 6, parte 6)

Certamente aquela seria uma guerra diferente das anteriores. Era um enfrentamento com o poder central do próprio país, reivindicando mudanças políticas profundas, alterando o sistema de governo. Muitos, desde o início, queriam a secessão para formar um Estado federativo. Havendo a vitória, as esperanças de mudanças na sociedade eram grandes, pois a própria formação dos exércitos gerava grandes surpresas: “- Índios e negros num partido político: isso, sim, é novidade!” (cap. 7, parte 8). Era o passado que justificava que, naquele momento, houvesse o desejo de outra sociedade por parte daqueles que eram herdeiros de injustiças sofridas desde sempre. No mínimo, seria a busca pelo reconhecimento de uma identidade, tanto dos negros como dos índios: “- Qual é teu nome, Negrinho? – pergunta Netto. / Não tenho nome.” (cap. 6, parte 7); “- Não conheci meu pai. Dizem que era um padre espanhol. Eu não sou branco... nem índio...” (cap. 11, parte 18).

No texto de Tabajara Ruas, mesmo enfocando questões particulares de um tempo determinado, é possível, constantemente, ler a lenda “O Negrinho do pastoreio” escrita por Simões Lopes Neto. Assim, situações conhecidas da lenda se repetem em *As cartas do domador*, como as surras sofridas pelo Negrinho, conforme é possível observar na comparação dos textos:

[O estancieiro] mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho. (LOPES NETO, 2009, p. 198).

O Negrinho está sendo amarrado no palanque no meio do pátio, com as mãos para cima, por Capincho e Cara Cortada. [...] (cap. 10, parte 8).

- Eu não te ensinei que discutir com teu senhor é pecado?
- O Barão tira o chicote do pescoço e o estende para Capincho.
- Trinta chibatadas. (cap. 10, parte 10)

Porém, Ruas substituiu algumas situações imaginárias ou insólitas por descrições verossímeis. Assim, para recolher a tropilha de cavalos durante a noite, o Negrinho é ajudado não por Nossa Senhora, mas por Netto e os quilombolas:

- Detrás de uma coxilha surgem de repente Netto e o grupo de lanceiros. Cercam o Negrinho. Maria vai até ele, os dois se abraçam com força.
- Já peguei sete tordilhos.
- Quantos são?
- Trinta. [...]
- Muito bem. Vamos reunir os cavalos pro Negrinho e sair deste campo aberto. (cap. 12, parte 1)

Da mesma forma, os tormentos do pesadelo do estancieiro presentes na lenda, na obra de Ruas, transformam-se em atos de vingança. Sua estância é invadida por Netto, Índio Torres e seus companheiros negros, o que representa uma declaração do começo da guerra:

- O Barão é levado por Índio Torres e Caldeira até o palanque. É amarrado com as mãos para cima. Suas roupas são rasgadas por Caldeira com violência. As costas ficam nuas. Caldeira apanha o chicote, mas Índio Torres o toma de suas mãos.
- Este serviço é para mim: eu sou o selvagem.
- [...] No palanque, Índio Torres se aproxima do Barão.
- Quantas chibatadas mataram esse menino, Barão?
- O Barão não responde.
- Não sabe, mas eu sei. A grande aposta do grande estancieiro! Acho que vou ficar com o braço dolorido, mas vai valer a pena. (cap. 14, parte 6)

Na lenda de Simões Lopes Neto, depois de sua morte, por milagre, o Negrinho reaparece nas visões de posteiros e andantes do pampa,

tropeiros, chasques, mascates e carreteiros, tocando uma tropilha de tordilhos, “conduzindo o seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as coxilhas e desce às canhadas.” (LOPES NETO, 2009, p. 202). Mas em *As cartas do domador*, Negrinho morre e é enterrado. Tabajara Ruas não explicita, nessa obra, o que vem depois, mas é a história que conta a convulsão que se seguiu. Pelos mesmos caminhos percorridos pelo Negrinho da lenda, um exército de lanceiros negros fez uma revolução e lutou até a morte pelo fim da escravidão.

O Netto de *As cartas do domador* não é o general documentado na história. Mas ele é um líder a quem tantos escravos depositaram suas esperanças de liberdade. Talvez essa seja a figura de Netto presente na mente dos negros que, no enfrentamento às tiranias do regime escravocrata do século XIX, entregaram suas vidas nos combates da Revolução Farroupilha.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, D. Negrinho do pastoreio. In: HASSE, G. (Org.). *Darcy Azambuja: contos escolhidos*. Vol. 2. Porto Alegre: Já, 2005.
- BAKOS, M; BERND, Z. *O negro: consciência e trabalho*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- BAVARESCO, A. O núcleo ético-metafísico do Negrinho do Pastoreio de Simões Lopes Neto. In: *Razão e Fé*, Pelotas, v. 2, n. 1, pp. 37-49, 2000.
- BORGES, J. L. Un sueño. In: _____. *La cifra. Obras completas*. Vol. II. Buenos Aires: Emecé, 1989.
- DINIZ, C. F. S. *João Simões Lopes Neto: uma biografia*. Porto Alegre: Age, 2003.
- GARCÍA, S. J. El negrito del pastoreo. Disponível em <http://letras-uruguay.espaciolatino.com/serafin/negrito_del_pastoreo.htm>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- JACQUES, J. C. Lenda do crioulo do pastorejo. In: _____. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.
- LESSA, L. C. B. Negrinho do pastoreio. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/barbosa-lessa/212848/>>. Acessado em: 15 jun. 2019.
- LOPES NETO, J. S. O negrinho do pastoreio. In: _____. *Contos gauchescos & Lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

- MAESTRI, M. Prefácio. In: LIMA, S. O. *Triste pampa: resistência e punição de escravos em fontes judiciais no RS/1818-1833*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- MEYER, A. *Guia do folclore gaúcho*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.
- MEYER, A. *Prosa dos pagos*. Porto Alegre: IEL, 2002.
- RUAS, T. *As cartas do domador*. Disponível em <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1164540-EI6624,00.html>>. Acesso em: 29 dez. 2006.
- RODRÍGUEZ, A. C. La memoria de la esclavitud en relatos orales biográficos de Tacuarembó. In: *Trama*, Revista de Cultura y Patrimonio. Montevideu, Ano I, nº 1, pp. 82-102, 2009.
- RODRÍGUEZ, Y. Negrito del pastoreo. Disponível em <<http://gauchoguacho.blogspot.com/2011/03/el-negrito.html>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- TRAPP, R. P. O *negrinho do pastoreio* e a escravidão no Rio Grande do Sul: historiografia e identidade. In: *Revista Oficina do Historiador*. Porto Alegre, EDIPUCRS, vol. 3, n. 2, pp. 45-59, agosto de 2011.
- VARELA, A. *Rio Grande do Sul. Descrição physica, histórica e econômica*. Pelotas: Echenique e Irmão, 1897.

Recebido em: 25/08/2019

Aceito em: 16/09/2019